Do sagrado à história: tradução e iluminação profana

Olgária Matos[1]

Resumo: Se entendermos a tradução como o ofício de decifrar uma língua que perdeu sua imediatez e se tornou equívoca, podemos contrapor, de um lado, a liberdade poética do tradutor fundamentada na crítica da relação essencialista entre o original e sua tradução, e de outro lado, o problema da imagem do passado cuja reconstituição no presente só é possível enquanto reconhecimento histórico da verdade. Nesse quadro a uma só vez ontológico e historicista, procuramos situar a teoria da história de Walter Benjamin, não apenas mostrando que para Benjamin a tradução é "experiência expressionista", mas também justificando as razões pelas quais o filósofo afirma que "toda tradução é um modo provisório de dar conta do estranhamento das línguas".

Palavras-chave: história, língua, teologia, tradução, verdade.

Mito fundador da origem das línguas e de sua multiplicação é o da construção da Torre de Babel. Como narra o Gênesis, sua edificação começou em um tempo no qual "o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras". Porque os homens arquitetaram uma Torre que alcançasse o céu, ambicionando abolir a diferença entre a imanência e a transcendência ao pretenderem a igualdade com Deus, foram punidos com a destruição da torre e com a condenação de falarem línguas diferentes para não mais se compreenderem, Babel significando justamente, "confusão". A punição não expressou, porém, uma sanção que recaiu sobre a geração dos construtores, impondo-lhes a destruição, mas sim a dispersão das línguas.

Nesse sentido, antes da expulsão do Paraíso coincidiam expressão linguística e ser espiritual, e a língua humana participava, de maneira perfeita, do Nome de Deus, pois a criação do mundo adveio num ato único narrado no Gênesis: "Deus disse: faça-se a luz"; e, simultaneamente, Deus disse, pensou e fez. Tão somente o homem não foi obra do verbo divino, pois criado de matéria. Foi ele, não obstante, quem deu Nome às coisas e, assim animando-as, dotou-as de aura e alma. Momento em que as línguas e os homens se dispersaram, o paraíso perdido é queda do homem e da linguagem – queda ao mesmo tempo cognitiva e moral – que, de nomeadora, se

---

1 Professora Titular da Universidade de São Paulo e Professora Titular da Universidade Federal de São Paulo. Esse artigo corresponde à conferência proferida em 22 out. 2018 no *campus* Guarulhos da Unifesp. Os editores dos *Cadernos de Tradução LELPraT* agradecem à Profa. Aléxia Bretas (UFABC) e ao Prof. Francisco Machado (Unifesp) pela ajuda na revisão das referências citadas.

torna instrumental, pragmática, empírica, intencional, forçando uma unidade para que ela seja simples informação.[2]

Deus, porém, não maldisse a linguagem humana, mas a construção da Torre, mesmo porque a condenação proibia a regressão a uma língua única e idêntica a si mesma, sua variação evitando "o pesadelo tautológico de uma língua universal, homóloga àquela anterior à queda"[3]. Eis por que a multiplicação das línguas restabelece a separação entre o humano e o divino, a diferenciação cultural sendo o território dos homens, em ruptura com a homogeneidade do tempo mítico. E, para superar o desarranjo entre as línguas, frustrando a reivindicação de uma língua perfeita que reuniria o que a história dispersou – na utopia da transparência de um mundo unívoco e sem negatividade –, a tradução é o *medium* que impossibilita a unificação forçada, encontrando o que reúne as línguas em suas diferenciações:

> [a tradução o consagra] por ser uma operação infinita que, preservando a diferença das línguas, estabelece uma passagem (um parentesco) na qual a linguagem encontra uma unidade de composição que visa, para retomar uma expressão de Benjamin, "uma linguagem maior".[4]

Babel e Pentecostes reunidos, cada qual fala sua língua e todos podem se compreender, em uma espécie de "tradução simultânea". A unidade, o Um universalista reprime o uns pós-Babel, dissolvendo a utopia do acesso a uma origem essencial, substancialista e uma.

A tradução é o ofício de decifrar uma língua que perdeu sua imediatez e se tornou equívoca. Por isso, toda tradução é híbrida, é contaminação e realização da essência das línguas depois da confusão babélica. Traduzíveis e intraduzíveis umas nas outras, há áreas de obscuridade e de mistério entre elas, mas, também, o que evoca a necessidade de traduzi-las. Benjamin escreve: "Todas as grandes obras da escrita [...] contêm nas entrelinhas sua tradução virtual"[5]. A teoria benjaminiana põe por terra os conceitos de "essencialidade", totalidade, unicidade e de originalidade, aproximando-se da citação como gesto crítico fundamental, no sentido da importância do ato de transposição e de extrapolação do texto a que pertence na origem. É no espaço indefinido entre fidelidade e liberdade que se dá a criação, pois há sempre parentesco latente e estranhamento entre as línguas, na medida em que as

2 Cf. W. Benjamin, "Karl Kraus", in *Œuvres*, t. II.

3 Marc de Launay, apud V. Delecroix, "La Tour de Babel", *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 124, 2003, p. 73.

4 V. Delecroix, "La Tour de Babel", *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 124, 2003, p. 72.

5 W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I.

elas são diferenças que comunicam diferenças. Toda tradução é uma maneira provisória de procurar o *metron* de seu estranhamento:

> Assim como os estilhaços de uma ânfora para reconstitui o todo devem ser contíguos em todos os pormenores, mas não idênticos uns aos outros, também a tradução deve procurar, antes de mais nada, não se assemelhar ao sentido original, mas, em um movimento de amor até o mínimo detalhe, fazer passar em sua própria língua o modo de visar do original.[6]

Não se trata, então, de comunicar preferencialmente pela enunciação – na qual a tradução seria mais "literal", mas perderia o essencial, constituindo uma má tradução – "seria a transmissão inexata de um conteúdo inessencial". O tradutor, como o leitor, abandonam seu contexto familiar, alcançando o estrangeiro e o distante numa aura de inclusão e proximidade. Por um *dépaysement* linguístico, reconhece-se no estrangeiro algo de familiar. Por isso, "no aprendizado de uma língua, o mais importante não é aquela que se aprende, mas o abandono da nossa [...]. Só então se a compreende verdadeiramente"[7]. Só conhecemos nossa própria língua, tratando-a como uma língua estrangeira, em despossessão daquilo em que se estava alienado e tranquilizado.

O tradutor não pretende a objetividade, procurando antes uma harmonia entre as línguas, na maneira pela qual "roça" o sentido, sentido que só pode ser tocado "pela brisa da língua como o vento tangia a harpa eólia"[8]. Isto significa que há uma afinidade secreta entre as palavras, que não é de ordem lógica, e não pode ser apreendida em sua função de signo apenas, tornando-se, ao contrário, reconhecível na memória, quando se se refere à natureza de nome das palavras. Para Benjamin escrever é já citar – e citar uma palavra é chamá-la pelo "nome" – e *traduzir* significa revelar na outra língua o eco do original e encontrar aquele lugar "em que o eco na própria língua pode responder à obra da língua estrangeira"[9]. A tradução não é uma duplicação do original, pois, repetindo-o, renova e potencializa o original, produz eixos inéditos de reflexão e compreensão. A tradução enriquece, assim, tanto a língua e a cultura de origem, quanto a língua e a cultura para a qual se traduz, dando forma ao que já tem forma, em um "espaço lúdico" de invenção: "comentário e tradução estão para o texto assim como estilo e mimesis estão para a natureza: o mesmo fenômeno sob diferentes somente folhas eternamente sussurrantes, na árvore

6 Idem, ibidem.

7 A. Gide, apud W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I.

8 W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I.

9 Cf. W. Benjamin, "Karl Kraus", in *Œuvres*, t. II; ver também S. Weigel, *Walter Benjamin: la criatura, il sacro, le immagini*, p. 190.

do texto profano são os frutos que caem no tempo certo"[10]. Uma vez que a palavra original sobrevive em sua própria língua, a tradução, em virtude da diferença entre a elaboração da obra original e o ato de traduzir, sofre a ação do tempo. Um anacronismo constitutivo faz com que as literaturas compartilhem espaços e tempos heterogêneos e simultâneos. O que é atual em um determinado momento pode se "antiquizar", o que era fórmula corrente pode tomar a feição arcaica. Benjamin não descuida também das perdas nesse encontro entre o original e a tradução, ou entre o texto do passado e o do presente, quando uma imagem do passado falha em encontrar um presente capaz de reconhecer-se nela.

Repetição que renova, a tradução reivindica um direito que lhe é próprio, profano, o "direito de nomear"[11]. E Benjamin anota: "na origem dessa atitude não está Platão, e sim Adão, pai dos homens e pai da filosofia"[12]. Pois foi Adão quem nomeou as coisas com o "reflexo" da língua divina que no estado paradisíaco era perfeita. O Nome não é, então, nem casual, nem convencional, mas exala das próprias coisas como seu atributo ontológico, conduzindo à ideia de "*arché*", ao originário em sentido filosófico, não começo, início ou ponto de partida, mas o originário da origem que sempre ressurge por vestígios, rastros, alumbramentos. Benjamin escreve: "O ser livre de qualquer fenomenalidade, no qual reside exclusivamente a força [que determina a essência da empiria] é a do Nome, [quando] as palavras [ainda] não perderam, em benefício da dimensão cognitiva, sua dignidade nomeadora"[13]. Não se trata de logos, de razão, de exatidão, da regra da *adequatio*, dos princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído da razão suficiente, mas de tradução como "semelhança não sensível", como "faculdade mimética", como "correspondência", com "afinidade eletiva alquímica", atrações não-causais, de "iluminação", como "iluminação profana".

Lendo a *Divina comédia* em 1923 na tradução do poeta Stephan George, Benjamin considera ser Dante o poeta do Nome, uma presença constante na obra de Benjamin.[14] Benjamin já lera *Dante: poeta do mundo terreno*, de Auerbach, citado por ele no ensaio "O Surrealismo: último instantâneo da inteligência europeia", no qual a noção de "iluminação profana" encontra na experiência amorosa, no amor cortês,

10 "Estas plantas são recomendadas à proteção do público", cf. W. Benjamin, *Rua de mão única*.

11 W. Benjamin, *Origem do drama barroco alemão*, p. 59.

12 Idem, ibidem.

13 Idem, ibidem, p. 58.

14 Cf. W. Benjamin, *Je déballe ma bibliothèque : une pratique de la collection*, em que se encontra o elenco de leituras em torno de Dante. Cf. ainda M. Maggi, *Walter Benjamin e Dante: una costellazione nello spazio delle immagini*.

na poesia provençal à época de Luís VII na França, sua fonte primeira. Citando Auerbach, Benjamin escreve:

> Todos os poetas do "estilo novo" têm amantes místicas. Todos experimentam aventuras de amor muito parecidas, a todos o Amor concede ou recusa dádivas que mais se assemelham a uma iluminação que a um prazer sensual, e todos pertencem a uma espécie de sociedade secreta, que determina sua vida interna, e talvez também a externa. Essas características são estranhamente associadas à dialética da embriaguez. Não seria cada êxtase em um mundo sobriedade recatada no mundo complementar? A que outro fim visa o amor cortês [...] senão demonstrar que a castidade pode ser também um estado de transe?[15]

Nesse amor, vale, antes de tudo, a potência constitutiva do Nome, do nome dado, recebido, pronunciado: "Nada vincula melhor à linguagem que o nome"[16]. Neste sentido, a linguagem é uma maneira excepcional de singularização que, na teoria da tradução de Benjamin mostra que, imperfeita, desajeitada, imprópria, a tradução não prejudica em nada o original, ela é o *medium* por cujo desvio o original surge. Pois, se "Deus é a origem da palavra mas é o homem quem nomeia e a traz consigo"[17], é porque o que faz amar é o nome:

> a essência e o tipo de um amor definem-se da maneira mais rigorosa no destino que ele reserva ao nome [...]. O amor platônico – é no destino do nome, não no do corpo que ele pode se definir verdadeiramente, com seu único sentido autêntico, seu único sentido importante: como o amor, [...] que ama a amada em seu nome mesmo, a possui em seu nome e em seu nome a acarinha e aninha [...]. Para este amor a presença da amada sai de seu nome como a irradiação de um foco ardente e ainda é dele que provém a obra daquele que ama. Assim, A *Divina comédia* não é senão a aura em torno do nome de Beatriz, a mais potente representação do fato que todas as figuras do *cosmos* procedem do nome que sai incólume do amor.[18]

---

15 W. Benjamin, "O Surrealismo", in *Obras escolhidas I*, p. 25. Sobre o amor cortês, ver Haroldo de Campos, *Pedra e luz na poesia de Dante*, e L.T. Motta, *Vista das musas no trópico: de volta à crítica da crítica*.

16 W. Benjamin, "Les affinités électives de Goethe", in *Œuvres*, t. I, p. 298.

17 Cf. G. Scholem, *Cabale et contre-histoire*, p. 224.

18 "Breves sombras, amor platônico". O que ressurge na passagem: "Quem ama não se apega somente aos 'defeitos' da amada, não somente aos tiques e fraquezas de uma mulher; a ele, rugas no rosto e manchas, roupas gastas e um andar desajeitado prendem, muito maia duradoura e inexoravelmente do que toda beleza. [...]. Se é verdadeira a teoria que diz que a sensação não se aloja na cabeça, que não sentimentos uma janela, uma nuvem, uma árvore no cérebro, mas sim naquele lugar onde a vemos, assim também, no olhar para a amada, estamos fora de nós. [...] Ofuscada, a sensação esvoaça como um bando de pássaros no esplendor da mulher. E assim como os pássaros buscam proteção nos frondosos esconderijos da árvore, refugiam-se as sensações nas sombrias rugas, nos gestos desgraciosos e nas modestas máculas do corpo amado, onde se põem em segurança, no esconderijo. E nenhum passante adivinharia que exatamente aqui, no

Se para Auerbach Dante é o poeta da elevação da Terra para o Céu onde encontra a amada que prepara a visão do Paraíso, para Benjamin Dante desce do Céu para a Terra, constituindo uma questão mais filosófica e política que teológica.

Assim, entre a primavera e o verão de 1940, Benjamin empreendeu a tradução em francês de suas teses "Sobre o conceito de história", anotadas em alemão nos últimos meses do ano anterior, em cuja tese de número V há uma variante com respeito ao "original", considerando-se que Benjamin observa que em todo escrito e tradução revela-se a consciência histórica. Em sua tradução francesa da tese V, Benjamin introduz uma citação de Dante, ausente do original alemão que diz:

> A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que rebrilha irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. [...] Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.[19]

E na tradução francesa:

> A Imagem autêntica do passado só aparece em um fulgor. Imagem que só surge para desaparecer para sempre no instante seguinte. A verdade imóvel que nada mais faz que esperar o pesquisador não corresponde de forma nenhuma ao conceito de verdade em matéria de história. Ele [o conceito de história] se apoia melhor no verso de Dante que diz: ... é uma imagem única, insubstituível do passado que se desfaz com cada presente que não soube reconhecer-se visado por ela.[20]

Depois dos dois pontos que a anunciam, falta a citação que deveria exprimir a concepção benjaminiana de história. Desconhece-se a razão da suspensão, se um esquecimento de momento ou sua não-familiaridade com a língua de Dante[21], de onde a crítica trabalha *in absentia* do verso apenas subentendido, permanecendo o sentido latente e a questão do "agora da legibilidade". Por isso, nas *Passagens*, Benjamin observa que assim como uma obra é escrita em um lugar e uma data determinadas, é também verdade que ela só se torna legível em um espaço e um

---

que é imperfeito, censurável, se aconchega a emoção amorosa, os dardos velozes da adoração", W. Benjamin, *Rua de mão única*, tradução modificada.

19 W. Benjamin, *Obras escolhidas I*, p. 224.

20 Cf. W. Benjamin, "〈 Sur le concept d'histoire 〉", in *Gesammelte Schriften*, v. I, p. 1261. O único manuscrito desta variação da tese encontra-se no Arquivo de Berlim.

21 No fragmento "Si parla italiano" de *Rua de mão única*, Benjamin anota: "Eu estava sentado, à noite, com dores violentas, em um banco. De fronte a mim, em um segundo banco [...] tomaram lugar duas moças. Pareciam querer falar-se confidencialmente e começaram a sussurrar. Ninguém além de mim estava nas proximidades, e eu não teria entendido o italiano delas, por mais alto que fosse. Então, diante daquele imotivado sussurro em uma língua inacessível para mim, não pude defender-me da sensação de que se colocava em volta do local dolorido uma fresca atadura", W. Benjamin, *Rua de mão única*, p. 60.

tempo determinados. Benjamin, tradutor de Proust, faz lembrar a passagem de "À sombra das raparigas em flor", em que o narrador proustiano descreve como se foi constituindo para ele, progressivamente, a "Sonata de Vinteuil", cujos compassos acompanham toda a *Recherche*:

> Esse tempo de que necessita um indivíduo para ingressar em uma obra profunda é como o resumo e símbolo dos anos e por vezes séculos que devem transcorrer até que o público possa apreciá-la verdadeiramente.... Foram os próprios quartetos de Beethoven que levaram cinquenta anos para dar vida e número ao público de suas composições, realizando o que seria impossível encontrar quando a obra-prima apareceu, isto é, criaturas capazes de amá-la.[22]

Recusando a linearidade dos nexos lógicos mas também estabelecendo-os, pode-se mesclar à maneira benjaminiana, semelhanças não sensíveis e afinidades entre dois polos essenciais na obra de Benjamin, o Paraíso de Dante e sua Beatriz, com o Inferno da modernidade e o capitalismo de consumo da Passante baudelairiana em Paris, cruzamento entre o amor eterno celestial e a "fugitiva beleza" mundana e passageira. Assim, ao tema do "choque" da modernidade e seu ritmo acelerado de impermanência, junta-se como interrupção contrarrítmica do tempo e da tradução, as relações de correspondência e de recordação. Não por acaso, Benjamin escreve em seu ensaio "Sobre o tradutor" que traduzir a *Ilíada* para o alemão, não significa "germanizar o grego, mas helenizar o alemão". É preciso colocar questões gregas ao mundo contemporâneo e questões contemporâneas ao mundo grego, com o que se ampliam as identidades espaciais e temporais e a compreensão do presente. Mimética e não-mimética, a tradução é a "sobrevida" de um texto original: vive mais tempo e também de modo diferente. Não se trata, assim, do cancelamento dos rastros de estranhamento entre as línguas na tradução, a distância e a proximidade que as separa, aproximando-as, mas do que em cada uma permanece secreto. A tradução não desfaz apenas a ideia de identidade sedentária de uma língua, mas sobretudo a isoglossa isolacionista. Em sentido benjaminiano, toda tradução é uma experiência expressionista, capaz de anamorfoses. Eis por que "toda tradução é um modo provisório de dar conta do estranhamento das línguas", e é sempre imperfeita. Melancólica, a tradução se liga à legibilidade das imperfeições da tradução e ao reconhecimento do estranho entre as línguas.[23] Nisso consiste também o respeito pela obra estrangeira, resguardar o que faz a diferença entre as línguas em vez de pacificá-la em nossa própria. Pois

22 M. Proust, "À l'ombre des jeunes filles en fleur", in *À la recherche du temps perdu*, p. 402.

23 W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I; ver também S.K. Lages, *Walter Benjamin: melancolia e tradução*.

> se em uma tradução anuncia-se o parentesco das línguas, este o é de uma maneira inteiramente outra que pela vaga semelhança entre a imitação e o original. Da mesma forma o parentesco não implica necessariamente semelhança. [Esta semelhança] tampouco deve ser buscada em um parentesco histórico [das línguas] [...]. Enquanto todos os elementos singulares, as palavras, as proposições, as correlações das línguas estrangeiras se excluem, estas línguas se complementam em suas próprias visadas intencionais. Esta coisa é a língua pura.[24]

Neste sentido, Benjamin se refere ao uso de palavras estrangeiras como um operador que desnaturaliza nossa familiaridade com a língua materna na qual o ato de nomear permanece esquecido pela língua parecer natural.[25] No comentário de Adorno:

> Toda palavra estrangeira, no momento em que é empregada pela primeira vez, no instante de sua aparição profana, festeja novamente a nomeação originária [...]. As palavras estrangeiras são de um ponto de vista histórico lugares de irrupção de uma consciência cognitiva e de uma verdade que se faz clara de diversas formas, daquilo que a simples natureza é na língua: a irrupção da liberdade.[26]

Deste modo, as palavras estrangeiras constituem uma memória das diferenças entre as línguas, uma "citação". Na citação, que ao mesmo tempo salva e castiga, a linguagem aparece como matriz da justiça. A citação chama a palavra por seu nome, a arranca de seu contexto destruindo-o, mas por isso mesmo lembrando sua origem.[27] Para Benjamin, a tradução não é um instrumento de passagem de uma língua a outra, mas "comunicação de conteúdos espirituais" que se faz pelo "teor de verdade" que é captado na tradução que é uma forma de transposição, de citação: "Diante da língua se legitimam ambos os reinos – origem e destruição – na citação"[28]. Em seu ensaio "Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem", Benjamin reflete sobre a língua em sua unidade divina que contrasta com a alienação linguística da sociedade moderna. Cada língua humana é apenas um reflexo do verbo divino no nome, e as palavras um arquivo de semelhanças não-sensíveis, imateriais: "Dante coloca Beatriz entre as estrelas. Para ele, então, em Beatriz as estrelas podiam ser próximas. Porque na amada as forças da distância aparecem próximas ao homem"[29].

---

24 W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I.

25 Cf. W. Benjamin, *Rua de mão única*, referências à "costela de ouro" da palavra estrangeira.

26 T. Adorno, *Mots de l'étranger et autres essais*.

27 W. Benjamin, "Karl Kraus", in *Œuvres*, t. II, p. 267.

28 Idem, ibidem.

29 W. Benjamin, *Gesammelte Schriften*, t. VI, p. 86.

Por isso, reúnem-se, em Benjamin, tradução, crítica, citação, teoria da poesia, filosofia da História sob os auspícios de Dante e Baudelaire. No *Drama barroco*, Benjamin se refere à acídia de Dante, que ressurge no historicismo na tese VII de "Sobre o conceito de história": "Em Dante, a acídia ocupa o quinto lugar na hierarquia dos pecados capitais. A seu redor reina um frio glacial, o que conduz aos dados da patologia humoral, a qualidade fria e seca da terra"[30]. E na tese VII, nomeando a acídia anota, citando Fustel de Coulanges: "Poucos adivinharão o quanto foi preciso esta triste para ressuscitar Cartago". Se em Dante há a melancolia do poeta exilado de Florença, Baudelaire, na Paris moderna é o "rei de um país chuvoso em uma terra de exílio"[31], sentimento que não é desconhecido do tradutor, o da "perda do original" que pode, no entanto, refulgir como um "lume". Neste sentido, o verso por citar na tese V se encontraria no terceto inicial do canto XXVIII do "Paraíso", quando o poeta tem uma primeira visão da luz divina nos olhos de Beatriz:

> Como quem vê no espelho a claridade/ [...]/ Assim a minha memória representa/ Que eu fiz, nos belos olhos me enlevando,/ Com que amor cativou minha alma isenta./ [...]/ Um ponto vi, que lume tão fulgente/ Dardejava, que a vista deslumbrada,/ Fechava-se ante o lume transluzente.[32]

O poeta, o historiador que traduz uma época em outra, o tradutor que dirige o olhar àquele fulgor não podem fixá-lo longamente por sua intensidade luminosa, deslumbrante e ofuscante se nele se detêm. A fugacidade da luz é como uma citação que, por sua vez, consiste na tradução da palavra em Nome, transformação do que é repetitivo e instrumental em algo aurático, retirando a palavra de seu uso degradado na informação jornalística, fazendo exalar do canto infernal do idêntico o hino angélico, originário, "tradução daquilo que no nome não tem nome". Refletindo sobre "Karl Kraus", Benjamin anota: "Aos fatos sensacionalistas e sempre idênticos que o jornal diário ministra a seu público, ele contrapõe a notícia eternamente nova que deve ser anunciada da história da criação: o eternamente novo, incessante lamento"[33]. Traduzir é questão de verdade e não de um saber, ela não visa uma objetividade e sim uma "essência": "Aquilo que um poema contém para além da comunicação não é universalmente tido como o inalcançável, o misterioso, o 'poético'? Aquilo que o tradutor pode transmitir fazendo ele mesmo obra de Poeta?"[34].

---

30 W. Benjamin, *Origem do drama barroco alemão*.

31 D. Oehler, *O velho mundo desce aos infernos*, p. 80.

32 Dante Alighieri, "Paraíso", in *Divina comédia*, canto XXVIII.

33 W. Benjamin, "Karl Kraus", in *Oeuvres*, t. II.

34 W. Benjamin, "La tâche du traducteur", in *Œuvres*, t. I.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Mots de l'étranger et autres essais*. Trad. Lambert Barthélémy, Gilles Moutot. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Je déballe ma bibliothèque : une pratique de la collection*. Trad. Philippe Ivernel. Paris: Rivages, 2015.

_____. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. *Œuvres*. Trad. Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz, Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 2000 (Col. Folio, 3 tomos).

_____. *Sul concetto di storia*. Trad. Gianfranco Bonola, Michele Ranchetti. Torino: Enaudi, 1997.

_____. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Gesammelte Schriften*, t. I. Ed. R. Tiedemann, H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

_____. *Gesammelte Schriften*, t. VI. Ed. R. Tiedemann, H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMPOS, Haroldo de. *Pedra e luz na poesia de Dante*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

DANTE ALIGHIERI. *A divina comédia*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. E-books Brasil, 2003. [Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/].

DELECROIX, Vincent. "La Tour de Babel". *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 124, 2003.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 1997.

MAGGI, Marco. *Walter Benjamin e Dante: una costellazione nello spazio delle immagini*. Rome: Donzelli, 2017.

MOTTA, Leda Tenório da. *Vista das musas no trópico: de volta à crítica da crítica*. São Paulo: Lumme, 2017.

OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PROUST, Marcel. "À l'ombre des jeunes filles en fleur", in *À la recherche du temps perdu*. Ed. Jean-Yves Tadié. Paris: Gallimard, 1987-1989 (Col. Bibliothèque de la Pléiade, 4 tomos).

SCHOLEM, Gershom. *Cabale et contre-histoire*. Paris: Ed. de l'Éclat, 2001.

WEIGEL, Sigrid. *Walter Benjamin: la criatura, il sacro, le immagini*. Trad. Maria Teresa Costa. Macerata: Quodlibet, 2014.

From the Sacred to History: translation and profane illumination

Abstract: If we understand translation as the art of deciphering a language that has lost its immediacy and has become equivocal, we can oppose, on the one hand, the translator's poetic freedom based on the essentialist critique of the relationship between the original and its translation, and on the other hand, the problem of the image from the past whose reconstruction in the present is only possible as a historical recognition of the truth. In this framework that is both ontological and historicist, we seek to situate Walter Benjamin's theory of history, not only showing that translation for Benjamin is an "expressionist experience," but also justifying the reasons why the philosopher claims that "every translation is a provisional way of coping with the strangeness of languages."

Keywords: history, language, theology, translation, truth.